



A Jangada de Pedra: intertextualidade e iberismo numa leitura subliminar

João de Deus Vieira Alves*

Resumo: O presente artigo analisa a obra *A jangada de pedra*, de José Saramago, sob o ponto de vista do sentimento ibérico na intertextualização com alusões aos fatos passados e presentes na história de Portugal em relação à União Europeia e o mundo. Predomina o estilo oral, característico da tradição popular em que a vivacidade da comunicação é mais importante do que a correção da linguagem escrita.

Palavras-chave: intertextualidade, iberismo, Saramago

Abstract: This article analyzes the novel *A jangada de pedra*, written by Jose Saramago, in accordance with the point of view of Iberian feelings, with allusions to past and present events in the history of Portugal for the European Union and the world. Oral style, characteristic of oral folk tradition in the liveliness of the communication is more important than the correction of written language.

Keywords: intertextuality, iberism, Saramago

Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores.(...) Basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias(...).

José Saramago. *A jangada de pedra*

1 Ibericidade

O romance publicado em 1986, ano em que Portugal ingressou na Comunidade Europeia, atual União Europeia, discute através da ficção a adesão aos demais países europeus. Mostra através do sentimento ibericista do autor uma inusitada e utópica viagem da Península Ibérica, que, a separar-se da Europa, romperia com laços históricos, lançando numa aventura em busca da união de um povo com sentimentos convergentes, lusos e espanhóis, no nascimento de uma nova ordem e uma nova nação.

O alinhamento da península aos países da periferia do capitalismo viaja ao encontro da identidade em consonância e a proximidade às ex-colônias portuguesas e espanholas. Alguns elementos de cunho fantástico permeiam a obra, antecipada pela antítese do título. Uma jangada de pedra pode até ser construída, porém o fim precípua para a qual um barco é projetado não é possível.

* Graduando em Letras -Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa (UFRGS)

E somente funciona no imaginário através da ficção e metáfora de se dar vida a um ser inanimado, e alegoria de algo que é na essência feito pra flutuar, afundará ou ficará marcando passado, no eterno drama de lançar-se “*por mares nunca dantes navegados*”, ou permanecer na mesmice, introspecção e retrocesso.

A par disso, a viagem da península mostra o ressentimento e uma ponta de inveja com que os portugueses olham a Europa além das fronteiras dos Pirineus. Como afirma Claudia Amorim em citação de Eduardo Lourenço, no ensaio intitulado “Nós e a Europa – ressentimento e fascínio”, esse sentimento de marginalidade de Portugal em relação à Europa é antigo e, no processo histórico do desenvolvimento do capitalismo na Idade Moderna, a estagnação ibérica é fato incontestável. Mas é durante o século XIX que essa “conotação deprimente, esse sentimento de desvalia que o Portugal e a Espanha dos séculos XVII e XVIII não viveram” (LOURENÇO, 1994, p. 26) torna-se dramático. (IPOTESI, 2011, p. 112).

2 A obra

O resumo da obra contextualiza a proposta deste trabalho, visto o amplo material acerca de sua publicação com trabalho e ensaios. Pretendemos através de uma leitura subliminar abordar Saramago como um escritor através de seu pensamento filosófico e político.

O romance inicia com a narração de alguns casos insólitos - Joana Carda e a vara de negrilho; Joaquim Sassa e o arremesso de uma pedra ao mar; José Anaiço e os estorninhos; Pedro Orce e o tremor da terra; Maria Guavaira e fio de lã - que são interligados mais adiante na narrativa.

A Península Ibérica acaba de se soltar do continente europeu. Joaquim Sassa fica sabendo do fenômeno ocorrido com José Anaiço, indo à sua procura para saber a correlação desses fatos com a desagregação da Península. Joaquim Sassa e Jose Anaiço partem em *Dois Cavalos* (o carro de Joaquim Sassa) rumo à Venta Micena (Espanha) à procura de Pedro Orce, que sente constantemente a terra tremer. Decidem por ir a Lisboa. A caminho da capital portuguesa, fazem pequena estada em Albufeira. O caos nesta e noutras cidades é generalizado. A população, sem ter moradia, começa a invadir hotéis, vazios por falta de turistas. Choques entre o povo e as tropas do governo geram um clima de intranquilidade. A parcela rica da Península Ibérica acaba por abandoná-la, levando consigo boa parte de seus capitais por receio dos movimentos populares que aconteciam.

Ao chegar a Lisboa, os dois hospedam-se no Hotel Bragança. O fenômeno dos estorninhos chama a atenção da imprensa, que descobre os nossos protagonistas. Manchetes nas

redes de televisão, rádios e jornais levam as autoridades a buscar Joaquim Sassa e Pedro Orce para averiguações. Joana Carda vai ao encontro do grupo por ser portadora do outro fenômeno (aludido no início do enredo) e hospeda-se no Hotel Borges.

O grupo empreende uma viagem à Ereira, onde Joana passou a viver depois de separada e se deu o fenômeno da vara de negrilho. Inicia-se um romance entre Joana e José Anaiço. Ao chegar ao local do risco, encontram o Cão Constante, carregando um fio de lã azul na boca, que se junta ao grupo, afeiçoando-se no caminho à casa de Joaquim Sassa no Porto. “O destino do grupo é a casa de Maria Guavaira, viúva há três anos, portadora de outro fenômeno”: “... não fiz mais do que desmanchar uma meia velha, dessas que servia para guardar dinheiro, mas a meia que desmanchei daria um punhado de lã, ora o que aí está corresponde á lã de cem ovelhas, e quem diz cem diz cem mil, (*adágio popular na tradição oral portuguesa: de quem conta um conto, aumenta um ponto*) (*grifo nosso*), que explicação se encontrará para este caso...”.

Começa o idílio amoroso entre Maria Guavaira e Joaquim Sassa. O rádio noticia a probabilidade de colisão entre a Península e o arquipélago de Açores. Inicia-se outra etapa da viagem, em direção ao oeste peninsular. A viagem é feita pelo grupo em uma galera, pois *Dois Cavalos* não funciona mais. Maria Guavaira conduz a galera, puxada inicialmente por um, posteriormente por dois cavalos (Pigarço e Alasão). A evacuação do leste português é generalizada, deixando cidades abandonadas e a população em desespero.

Os governos português e espanhol mostram-se ineficientes quanto ao amparo desse grande contingente de emigrantes. Já distantes da Europa, os Estados Unidos e o Canadá preparam-se para dar as boas vindas à Península, começando a idealizar as novas relações estrangeiras entre esses dois grupos. Acontece o inesperado – a península acaba por se desviar do arquipélago de Açores, mudando naturalmente seu curso ao norte.

Todos reiniciam o retorno às suas casas. Os viajantes, entretanto, resolvem continuar viajando – agora em direção aos Pirineus. As duas mulheres do grupo acabam por ter relações com Pedro Orce, o que provoca um clima instável nos viajantes. Os viajantes permanecem juntos, mesmo com certo ressentimento que predominava. Chegam ao fim da Península, extasiados com o espetáculo natural que presenciam.

A *jangada de pedra* estaciona. Portugal fica voltado aos Estados Unidos e a Espanha a Europa. Pedro Orce ainda afirma que a terra treme, o que acaba por se confirmar com a retomada do movimento peninsular, que fica a girar em torno do seu próprio eixo durante um mês. “*Dois Cavalos* seguia devagar (...), agora os viajantes demoravam-se nos lugares”. Por

essa ocasião, as mulheres percebem que estão grávidas, não sabendo ao certo sobre a paternidade.

O grupo encontra Roque Lozano, o qual viera em seu burro (Platero) para ver o desregramento. Roque Lozano se junta aos viajantes para retornar à sua casa (Zufre), como era a ideia de todos. A península começa a vagar rumo ao sul. Os Estados Unidos perdem o interesse de antes pelos povos peninsulares, onde “todas” as mulheres ficam grávidas. Joana Carda tem pressentimentos quanto a Pedro Orce. Este morre no momento em que a galera para, e ele não sente mais o tremor da terra. O grupo descansa para retomar a viagem..O espaço é a Península Ibérica a vagar pelo Oceano Atlântico.

Os narradores são múltiplos e alternados, notando-se a intervenção direta do autor, o que anula a presença do narrador tradicional. Algumas características das personagens principais são: Joana Carda é portuguesa, divorciada que mora na região de Ereira. Ao riscar o chão com uma vara de negrilho, os cachorros de Cerbére começam a ladrar, o que não faziam há séculos. Joaquim Sassa é português (Porto), trabalha em escritório. Estando de férias por uma praia do norte de Portugal, lança uma pesada pedra no mar, espantando-se com a grande distância que ela vem a tomar antes de afundar. José Anaiço é português (Ribatejo) com o ofício de professor; passa a ser acompanhado por uma nuvem de estorninhos. Pedro Orce, quase sessenta anos, espanhol da região de Orce, farmacêutico no vilarejo de Venta Micena, sente a terra tremer enquanto os sismógrafos não detectam nenhum tremor. Maria Guavaira, habitante da região rural da Galiza, puxa um fio azul de lã de uma meia que se multiplica exageradamente em comprimento. È este fio, através do cão Constante, que traz os outros personagens à sua casa.

O autor utiliza períodos e parágrafos muito longos (estes chegando às vezes a uma página ou mais). Há uma total erradicação dos sinais de pontuação (usando predominantemente a vírgula e o ponto). As falas de narrador e personagens às vezes confundem-se, sendo o uso do discurso indireto bastante frequente. A metalinguagem também se faz presente no romance, percebendo-se leves doses de ironia. Dividida em vinte e três capítulos, a obra preserva o português lusitano (imposição do autor aos países de língua portuguesa), fazendo-se valer de expressões populares típicas de Portugal.

3 Intertextualização

Na análise dos intertextos podemos verificar dentre tantos existentes ao longo da obra alguns que se destacam, tal como a citação de Saramago, do livro *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) sobre as andanças do heterônimo de Fernando Pessoa:

As mortas, porque tinham morrido, deixaram-se ficar, com aquela inabalável indiferença que as distingue da restante humanidade, se alguma vez disse o contrário, que Fernando visitou Ricardo, estando um morto e o outro vivo, foi imaginação insensata e nada mais... (SARAMAGO, 1989, p. 28).

Os novos paradigmas amorosos, em uma península à deriva, pressupõem que se viva o presente e que nele os afetos se estabeleçam com respeito e solidariedade como a engendrar uma nova humanidade constituída dos homens imaginários que a península procura:

Um dia que já lá vai, D. João o Segundo, nosso rei, perfeito de cognome e a meu ver humorista perfeito, deu a certo fidalgo uma ilha imaginária, diga-me você se sabe doutro país onde pudessem ter acontecido uma história como esta. E o fidalgo, que fez o fidalgo, foi-se ao mar à procura dela, gostaria bem que me dissessem como pode encontrar uma ilha imaginária. A tanto não chega a minha ciência, mas esta outra ilha, a ibérica, que era península e deixou de o ser, vejo-a eu como se, com humor igual, tivesse decidido meter-se ao mar à procura dos homens imaginários. (SARAMAGO, 1989, p.61).

Saramago tem em sua obra, um ritmo cinematográfico, haja vista o seu livro *Ensaio sobre a cegueira*. adaptado para o cinema e lançado em 2008, produzido no Japão, Brasil, Uruguai e Canadá, dirigido por Fernando Meirelles (realizador de *O jardineiro fiel e Cidade de Deus*). Em 2010, o realizador português Antonio Ferreira adaptou um conto retirado do livro *Objecto quase*, conto esse que viria dar nome ao filme *Embargo*, produção portuguesa em co-produção com o Brasil e Espanha.

Nunca na minha vida vi tanto pássaro junto, pela idade que mostrava ter não deviam faltar-lhe esta e outras experiências, São para cima de mil, acrescentou, e tem razão, pelo menos foram mil e duzentos e cinquenta os convocados para esta ocasião. Afinal, alcançaram-nos, disse Joaquim Sassa, vamos dar-lhes outro esticão e acabamos de vez com eles, José Anaiço olhava os estorninhos que voavam em circulo largo, triunfantes, olhava-os com expressão atenta, concentrada....). Hitchcock dá palmas na platéia, são os aplausos de quem é mestre na matéria. (SARAMAGO, 1989, p. 64-66).

Em *A jangada de pedra*, ele ainda homenageia o escritor espanhol Juan Ramon Jimenez:

E conta lá chegar montado nesse burro, Quando ele não puder comigo, iremos a pé os dois, Como é que o seu burro se chama, Um burro não se chama, chamam-lhe, Então, como é que chama ao seu burro, Platero. E vão de viagem, Platero e yo. (SARAMAGO, 1989, p. 67).

4 A subliminaridade

A jangada de pedra nos leva a bordo nesta viagem a interpretações subliminares do pensamento saramaguiano. O seu fervor comunista e por óbvio seu anti-americanismo fazem

com que exprima o sentimento pacifista, revisitando a teoria da evolução de Darwin, de que a partir do momento que o primeiro macaco desceu das árvores, começou a corrida até os megatons (crítica clara às bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki), os helicópteros socorrendo a população e chegando com betume para tentar a fenda que separa a península do restante da Europa, em tempos de paz num campo primaveril é antagônica.

A imagem remete ao filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola, o psicodelismo e o drama das pessoas que, vítimas do napalm (fósforo incandescente), eram queimadas vivas. A foto da garota Kim Phuc, nua, fugindo de seu povoado que sofria um bombardeio de napalm, até hoje é lembrada como uma das mais terríveis imagens da Guerra do Vietnã.

Os hotéis são propositalmente denominados Bragança, ironia sobre um dos nomes da família real portuguesa, grande e pomposa, mas já sem atrativo e *glamour* de outrora. A pensão Borges é um tributo em nome de sua admiração e inspiração num dos mestres do realismo fantástico, o argentino Jorge Luiz Borges.

Dois Cavalos, em principio um carro, após a galera puxada por dois cavalos, chamados pela cor dos pelos, Pigarço ou Picasso, diz-se do cavalo, malhado de preto e branco ou de cor grisalha, e Alasão, pelo da cor de canela, e também a utopia da União Ibérica, que seria conduzida por um ícone da pintura e das artes, um gênio espanhol, Pablo Picasso, um comunista empedernido. A ironia e crítica contra os italianos e franceses, uma brincadeira no auge da crise, do caos estabelecido, o narrador sugere que chamem os italianos que tem grande experiência em viadutos, visto os que foram construídos na época do Império Romano, e ser, hoje, o trânsito de Roma um dos mais caóticos do mundo.

Também é mordaz com os intelectuais franceses ao afirmar: “E nós, portugueses, que poetas devemos buscar a França, se lá nos ficou algum, Que eu saiba, só o Mário de Sá Carneiro.... Uma vez que a vida que trazia não lhe agradava, e aquela que idealizava tardava em se concretizar, Sá-Carneiro entrou numa cada vez maior angústia, que viria a conduzi-lo ao seu suicídio prematuro, perpetrado no Hôtel de Nice, no bairro de Montmartre em Paris, com o recurso a cinco frascos de arseniato de estricnina.

As mulheres grávidas no fim do romance criam o otimismo do renascimento, porém a dúvida sobre a paternidade corresponde a tema recorrente na história de Portugal colonizador, que, após anos de saque e exploração, volta para casa e fecha porta a seus filhos.

A mitologia grega é parte importante na trama, haja vista os cães que guardam o portão do Inferno, Cerbero, e Caronte, o barqueiro que fará a derradeira viagem, e o fio azul, o fio de Ariadne, que conduziu Teseu para fora do labirinto, salvando-o do Minotauro, aspecto que passa a esperança de uma geração, um novo povo, uma ordem.

5 Conclusão

Ao concluir estas considerações no presente trabalho, vamos nos reportar à personagem Souza, alter-ego de Saramago e não por acaso seu segundo nome, que soa pretensioso e megalomaniaco, em relação a vida e sua visão de futuro:

Daí a dias, já na sua terra portuguesa, será herói, dará entrevistas à televisão, á rádio e à imprensa, Foi o primeiro a ver, senhor Sousa, relate-nos as suas impressões do terrível momento. Repetirá vezes sem conto, e sempre há-de rematar a ornamentada história com uma pergunta ansiosa e retórica, de causar arrepios e que a sí proprio arrepia deliciosamente, como um êxtase. (SARAMAGO, 1989, p. 25)

Vinte e quatro anos após suas previsões, com a instabilidade e quebra de alguns sistemas econômicos na União Europeia, não estaria Saramago olhando e afirmando: Viram? Eu não avisei, pois!

Referências

- AMORIM, Cláudia. *Nas fissuras da península e do sujeito*. Juiz de Fora, 2011.
- CINTRA, Teresa Colturaltó. *Auto-intertextualização em romances de Saramago*. São Paulo: 2008
- LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.